



Autoria e tradução: os textos do Círculo de Bakhtin

Sheila Vieira de Camargo Grillo

sheilagrillo@uol.com.br



**Autor na estética
bakhtiniana da primeira
metade dos anos 1920**

A arquitetônica – como uma disposição e uma ligação especulativamente necessária e não ocasional das partes e momentos concretos e únicos de um todo acabado – é possível somente em torno de dada pessoa – a personagem. (...) A prosa, a fim de concluir-se e fundir-se em uma obra acabada, deve utilizar o processo estetizante do indivíduo criador, o seu autor, refletir em si a imagem do acontecimento acabado de sua criação, pois de dentro do seu sentido puro e abstraído do autor, ela não pode encontrar quaisquer aspectos que a concluem e ordenem arquitetonicamente. (2003a[1924-25], p. 70, 71)

A reação volitivo-emocional é inseparável do seu objeto e da imagem dele, isto é, é sempre objetual e imagética e, por um lado, o objeto nunca é dado na sua indiferenciação material pura, pois já pelo fato de que comecei a falar sobre o objeto, o que chamei atenção, destaquei ou simplesmente vivenciei nele, eu já assumi uma relação volitivo-emocional e uma orientação valorativa perante ele; nesse sentido, a reação volitivo-emocional do autor é expressa na própria escolha da personagem, dos temas, das fábulas, na escolha das palavras para sua expressão, na escolha e construção das imagens etc., e não somente no ritmo e na entonação (...)(2003a[1924-25], p. 70, 71)

única energia formuladora ativa, dada não na consciência psicologicamente agregadora, mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura convencional, formulada por essa reação, da visão ativa da personagem como um todo, na estrutura de sua imagem, no ritmo da sua revelação, na estrutura entonacional e na escolha dos aspectos semânticos. (2003a[1924-25], (p. 91)

O acontecimento estético pode realizar-se somente diante de dois participantes e pressupõe duas consciências não coincidentes. Quando a personagem e o autor coincidem ou se encontram lado a lado em face de um valor comum ou um contra o outro como inimigos, o acontecimento estético termina e começa o ético (panfleto, manifesto, discurso acusatório, a palavra de elogio e de gratidão, o palavrão, a confissão prestação de contas pessoal etc.). Quando não há personagem, mesmo potencial, temos o acontecimento cognitivo (um tratado, um artigo, uma conferência), e lá onde a outra consciência é englobada pela consciência de Deus, tem lugar o acontecimento religioso (a prece, o culto, o ritual). (2003a[1924-25], p. 104)

1) **Ativismo do autor:** o homem – autor e personagem – é o centro conteudístico-formal da visão artística. Diferentemente do acontecimento ético da vida, o mundo da obra artística ou literária é organizado, ordenado e concluído pelo autor em torno da personagem;

2) Empatia e extra-localização: o autor comunga, sente empatia pela personagem e seu mundo, ao mesmo tempo que está extra-localizado, ocupa uma posição exterior e superior que lhe permite ver mais e organizar o seu mundo. “A tarefa do artista é encontrar uma abordagem essencial e extra-localizada da vida.” (2003a[1924-25], p. 248)

3) A relação do autor com o conteúdo, a forma e o material: o autor utiliza determinado material (verbal na literatura) com o propósito de dar forma e concluir, segundo seu propósito artístico, o conteúdo da obra, isto é, a tensão ético-cognitiva da personagem;

4) **O estilo do autor** é um modo próprio de elaboração do mundo por meio da palavra que se transforma na expressão do mundo da personagem e da relação do autor com esse mundo: “o estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de enformação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina a relação também com o material, a palavra, cuja natureza certamente é preciso conhecer para compreender tal relação.” (2003a[1924-25], p. 251-252);

5) O autor é um **integrante do acontecimento da obra e um orientador autorizado do leitor**: “No interior da obra, o autor é, para o leitor, um conjunto de princípios criativos, que devem ser realizados, a unidade dos aspectos transgredientes da visão, ativamente relacionados com a personagem e o seu mundo.” (2003a[1924-25], p. 263)



**Autor e poética
sociológica na segunda
metade dos anos 1920**

Falante ou autor é um dos participantes da interação social literária, mas particularidade desta está em:

- 1) concluir-se na criação da obra literária e na sua reconstituição constante pela recriação do contemplador;
 - 2) escolher as palavras a partir do contexto da vida, onde elas estão impregnadas de avaliações sociais, sendo que o autor aparece como aquele que escolhe as avaliações ligadas às palavras em função do objeto do dizer e do seu leitor/ouvinte. A poética sociológica desenvolvida por Medviédev (2012[1928], p. 186) também assevera que “O poeta não escolhe as formas linguísticas, mas os valores nelas contidas.”, por meio dos quais o enunciado literário insere-se na história e na sociedade. Disso decorre a concepção de língua como “um sistema de avaliações sociais” (2012[1928], p. 186), de cuja riqueza depende as obras dessa língua;
-

3) que seu estilo é determinado pela inter-relação entre a personagem e o autor-criador, desdobrando-se em três elementos: a posição hierárquica da personagem ou acontecimento (o conteúdo do enunciado) em correlação com a posição do autor-criador e o contemplador; o grau de proximidade entre o herói e o autor (codificado inclusive na gramática dos pronomes “eu”, “tu ou você” e “ele”); e pela inter-relação entre o autor e o ouvinte (a sensação que o autor tem do ouvinte: aliados, opositores, empatia etc.), bem como entre o ouvinte e a personagem. Por meio dessas relações, as forças sociais constituem a forma literária ou artística com a ajuda dos recursos formais de material (ritmo, ordem dos acontecimentos, metáforas etc.).

Na poética sociológica, o autor é um elemento da palavra/enunciado artístico ou literário entendido como um tipo específico de interação social, sendo o autor o responsável pela seleção do material verbal em função das avaliações sociais nele contidas que explicitarão as relações axiológicas com a personagem (sobre o que se fala) e o contemplador. Todos esses elementos revelam o caráter sociológico da forma artística ou literária.



O autor na metalinguística dos anos 1950 e 1960

Enunciado = unidade da comunicação discursiva (definição epistemológica) e elo na cadeia da comunicação discursiva (modo de existência)

1. Limites delimitados pela alternância dos **sujeitos do discurso** (retchevye subiéktý) ou falantes (govoriáchie)
2. Capaz de suscitar resposta graças ao seu **acabamento**
 - 2.1. exauribilidade ou esgotamento semântico-objetual
 - 2.2. **intenção discursiva ou a vontade discursiva do falante**
 - 2.3. as formas típicas composicionais-genéricas de acabamento
3. Ligado ao seu falante e/ou **autor** e aos demais participantes da comunicação discursiva
 - 3.1. A intenção **do sujeito do discurso ou autor** em relação ao aspecto semântico-objetual do enunciado determina a escolha dos meios expressivos e do gênero discursivo
 - 3.2 Expressão da avaliação emocional **do falante** em relação ao conteúdo semântico-objetual
 - 3.3. É uma reação responsiva a enunciados anteriores de dada esfera da comunicação discursiva

Enunciado/gênero/autor

Apesar de todas as suas diferenças em relação às réplicas do diálogo, as obras dos diferentes gêneros científicos e literários - complexas em sua construção e especializadas – são, por sua natureza, também unidades da comunicação discursiva: elas também são nitidamente delimitadas pela mudança dos sujeitos do discurso, sendo que essas fronteiras, ao preservarem sua nitidez externa, adquirem aqui um caráter interior especial, graças ao qual o sujeito do discurso – neste caso o autor da obra – manifesta aqui sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os aspectos do projeto da sua obra. (1997[1952-53], p. 177)

Nas esferas criativas (particularmente, é claro, na científica) é possível somente um exauribilidade semântico-objetual relativa; aqui é possível falar somente sobre um mínimo de acabamento, que permite ocupar uma posição responsiva. Objetivamente o objeto é inesgotável, mas, ao tornar-se tema do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico), ele recebe um acabamento relativo em determinadas condições, diante de dada colocação da questão, em dado material, diante de dados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no limites de determinada intenção/projeto do autor (1997[1954-55], p. 177)

Autoria e tradução: os textos do Círculo de Bakhtin

Социология формы.

I. Обзор современных направлений общего искусствознания и поэтики в Западной Европе.

Методологический панорамизм. Разрыв теоретических и исторических функций — основные недостатки этих направлений. Переоценка значения материала — формально-методический узел. Переоценка субъективного психологического момента.

II. Современное состояние поэтики в СССР.

Критика психологической ориентации поэтики (Потемкина и ее школа). Критика лингвистической ориентации (расно-видностей формальной школы). Критика историко-культурного метода (школы Веселовского). Критика воззрений проф. Сахарова.

III. Слово в поэзии

Действительное фактическое высказывание, как конкретное социально-историческое явление. Языковое явление, как лингвистическая абстракция. Необходимость припоминания социальной и исторической категории для понимания формальной стороны действительного высказывания. Внеязыковая среда и ситуация высказывания определяют его форму и значение.

IV. Анализ высказывания

Внеязычная ("подразумеваемая") часть высказывания. Единичный социальный кризис высказывания. Пространственная, временная и ценностный компоненты этого кризиса. Высказывание, как продукт социального взаимодействия говорящих на основе общего кризиса. "Автор" высказывания; "соавторство" собеседника-слушателя; постановка "героя".

риторическая характеристика метафоры. Иллюзионная форма и миф. Социальная атмосфера метафоры — слово, как социальная оценка. Конденсация оценки художественно-формальной стороне высказывания.

Глава VI. Отражение социального кризиса в формах языка и в структуре образа.

Отражение социальных отношений между говорящими в морфологии и синтаксисе приемных языков. и лексические формы множественного числа в австралийских языках. Разные значения слов "мы", "другой" и проч. и их языковые отражения. Различные формы оптимистических и императивных форм. Социальное положение говорящего и роль слушающего определяют выбор конкатенации. Социальные ситуации эквивалентны этим формам в новых языках. Образ и его социальная ориентация. Образ, как отражение или обновление социальной оценки в слове.

Глава VII. Понятие стиха.

Стиль, как совокупность словесных оценок. Социологический анализ основных мотивов стиха. Отражение социальной иерархии в ее стихотворении, в семантике — в лексике, в синтаксисе и др.). Единство стиха, как единство и выделенность социально оценочной позиции говорящего.

Глава VIII. Социология жанра

Классификация жанровых форм с точки зрения по поводу основных участников события творчества — автор

“ Ensaio de poética sociológica” (1925-1926)

A seguir, transcrevemos a tradução do plano de “Ensaio de Poética Sociológica”:

Ensaio de Poética Sociológica

Capítulo I. Sociologia da forma

Capítulo I. Panorama das tendências atuais da teoria geral da arte e da poética na Europa Ocidental

Pluralismo metodológico. A ruptura entre as disciplinas teóricas e históricas – os principais defeitos dessas tendências. A reavaliação do significado do material – A inclinação formalista. A reavaliação do aspecto psicológico subjetivo.

Capítulo II. O estado atual da poética na URSS

A crítica da orientação psicológica na poética (Potiebniá e sua escola). A crítica da orientação linguística (dos diferentes tipos de método formal). A crítica do método histórico cultural (dos epígonos de Vesselóvski). A crítica das posições do professor Sakúlin.

Capítulo III. A palavra na vida

enunciado cotidiano real como um fenômeno sócio-histórico concreto. O fenômeno linguístico como uma abstração. A necessidade de aplicação das categorias sociais e históricas para a compreensão dos aspectos formais do enunciado real. O meio extra-verbal e a situação do enunciado determinam a sua forma e o seu significado.

Capítulo IV. A análise do enunciado

A parte não-verbal (“subentendida”) do enunciado. O horizonte social único do enunciado. Os componentes espacial, temporal e valorativo desse horizonte. O enunciado como produto da interação social dos falantes com base no horizonte comum. O “autor” do enunciado; a “co-autoria” do interlocutor-ouvinte; a apresentação do protagonista.

Capítulo V. A palavra como avaliação social

O conceito de entonação expressiva. A entonação e a avaliação. As metáforas entonacional e gestual. O carácter secundário da metáfora semântica. A metáfora entonacional e o mito. O meio social da metáfora. A palavra como uma avaliação social. A condensação da avaliação no aspecto artístico formal do enunciado.

Capítulo VI. O reflexo do horizonte social nas formas da língua e na estrutura da imagem

O reflexo das relações sociais entre os falantes na morfologia e na sintaxe das línguas primitivas e as formas excepcionais do plural nas línguas australianas. Os diferentes significados das palavras “nós”, “outro” etc. e os seus reflexos na língua. As diferentes formas optativas e imperativas. A posição social do falante e do ouvinte determinam a escolha da construção. Os procedimentos estilísticos que equivalem a essas formas nas línguas novas. A imagem e a sua orientação social. A imagem como a vivificação ou renovação da avaliação social na palavra.

Capítulo VII. O conceito de estilo

O estilo como um conjunto das avaliações verbais. Análise sociológica dos motivos fundamentais do estilo. O reflexo da hierarquia social em sua estaticidade e dinamicidade – no léxico, na epitetologia, nas alterações semânticas (metafóricas, metonímicas etc.).

A unidade do estilo como unidade e firmeza da posição socioavaliativa do falante.

Capítulo VIII. A sociologia do gênero

A classificação das formas do gênero do ponto de vista da posição dos principais participantes do evento da criação: do autor, do ouvinte, do protagonista. Os fatores técnico-materiais e sociológicos do gênero. O grau de abrangência do horizonte social que determina o gênero. Os gêneros maiores e menores (“de câmara”). O grau de abrangência do horizonte social e o seu reflexo na estrutura do gênero. Os gêneros dialéticos e não-dialéticos. A arquitetônica do gênero e a arquitetônica sócio-política. A evolução do poema como gênero do século XVII ao XX. A evolução do romance nos séculos XVII e XIX. A morte dos gêneros. O problema do romance moderno. A evolução dos gêneros líricos.

Capítulo IX. Os resultados da análise sociológica da forma

A forma artística como um sistema de avaliações sociais. As avaliações sociais formadoras e não-formadoras da forma. A técnica da forma condicionada pela natureza do material linguístico. Os fatores biológicos da forma (do ritmo). O problema da inter-relação entre a forma e o conteúdo. A forma como avaliação do conteúdo. Os métodos sociológicos de análise do conteúdo.

Capítulo X. O caráter de classe das avaliações formadoras de forma

A avaliação formadora de forma como uma avaliação constante, essencial. Os agrupamentos ocasionais não são dotados de forças artístico-criativas. O caráter superficial e abstrato de todas as avaliações entre classes e extra-classes. A arte “nacional” e arte de classes. (Fond 302, op. 2, no. 51, folha 14-15)

Os professores de língua russa conhecem pela experiência que a produção escrita (*písmennaia rietch*) dos alunos sofre normalmente uma mudança muito abrupta. Nas séries iniciais, não há uma diferença significativa entre produção escrita e falada dos alunos (*písmennaia i ústnaia rietch*) (BAKHTIN, 2013, p. 41).

A mudança nas concepções científico-metodológicas que fundamentavam o ensino de língua russa (ver preâmbulo) refletiu-se de forma imediata nos programas escolares: enquanto no programa dos anos 1921/1922, aqui criticado por M. M. Bakhtin, defendia-se, de fato, a separação da gramática de outros aspectos da língua russa, por considerar que a gramática levava ao conhecimento, e a estilística à prática; no programa dos anos 1933/1934, o estudo da língua russa era orientado acima de tudo para o domínio dos gêneros discursivos fundamentais, sendo que o estudo de gramática privada da sua hegemonia anterior era articulado aos estudos de estilística, de ortografia e de regras do bem falar (*kultura riétchi*) (BAKHTIN, 2013, p. 61-62).

Referências

- _____. Probléma retchevykh jánrov [O problema dos gêneros discursivos]. In: BOTCHARÓV, S. G.; GOGOTÍCHVILI, L. A. (ORG.) *M.M. Bakhtin. Cobránie sotchiniénii. Tom 5* [M.M. Bakhtin. Obras reunidas. Vol. 5]. Moscou: Rússkie slovarí, 1997[1954-55]. p. 159-206.
- _____. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. Ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1924-25]. p. 3-194.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. Ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1954-55]. p. 261-306.
- _____. Ávtor e guerói v estetítcheskoi déiatelnost. In: BOTCHARÓV, S. G.; NIKOLÁEV, N. I. (ORG.) *M.M. Bakhtin. Cobránie sotchiniénii v semí tómaxh. Tom 1* [M.M. Bakhtin. Obras reunidas em sete volumes. Vol. 1]. Moscou: Rússkie slovarí/lazyk slaviánskoi kultúry, 2003a[1924-25]. p. 69-263.
- _____. Questões de estilística no ensino de língua. Trad. S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas*. 1. A linguagem. Trad. M. Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001[1923].
- CHPIET, G. G. *Vnútrenniaia forma slova: etiudi i variatsi na temi Gumboldta*. [A forma interna da palavra: estudos e variações em temas de Humboldt]. Moscou: Kníjni dom Librokom, 4ª ed., 2009 [1927].
- _____. *Vvedénie v etnícheskuiu psikhológuiu*. [Introdução à psicologia étnica]. Moscou: Gossudárstvennaia Akademia Khudójestvennikh Nauk, 1927.
- ENGELGARDT, B. *Aleksandr Nikoláevitch Vesselóvski*. Petrogrado: Kolos, 1924.
- FARACO, C. A. Autor e autoria. IN: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.
- GRILLO, S. V. C. Intersubjetividade, linguagem e gênero discursivo no círculo de Bakhtin. In: Arnaldo Cortina; Sílvia M.G. da C. Nasser. (Org.). *Sujeito e linguagem*. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 133-146.
- GRILLO, S. V. C. ; AMERICO, E. V. As traduções brasileiras de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. In: Beth Brait; Anderson Salvaterra Magalhães. (Org.). *Dialogismo: teoria em prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 75-90
- HUMBOLDT, V. F. *O razlíchii organizmoy tcheloviéchkogo iazyká i o vliánii étego razlíchiiia na úmstvennoe razvítie tcheloviétkeskogo roda. Vvedénie vo vseóbschee iazykoznaníe. (Sobre a distinção dos organismos da linguagem humana e sobre a influência dessa distinção para o desenvolvimento intelectual do gênero humano. Introdução à linguística geral)*. Trad. P.S. Biliárski. 2. ed. Moscou: Librokom, 2013[1859].
- INSTITUTO DA HISTÓRIA COMPARADA DAS LITERATURAS E LÍNGUAS DO OCIDENTE E DO ORIENTE (ILIAZB). Filial ARAN, São Petersburgo, F. 302, op. 275, no. 51.
- MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. E.V.Américo e S.C.Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLOCHINOV, V. N. Slóvo v jízni e slóvo v poézii. [A palavra na vida e a palavra na poesia]. *Zvesdá* n. 6, Leningrado, p. 244-266, 1926.